

EDITORA PULO DO GATO: A ABORDAGEM DO TEMA MIGRAÇÃO EM OBRAS DE LITERATURA INFANTIL

EDITORA PULO DO GATO: THE APPROACH TO MIGRATION IN CHILD LITERATURE BOOKS

Profa. Ma. Lorena Poliana Silva Lopes
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais
lorenpoliana@gmail.com

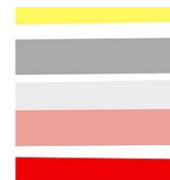
Profa. Ma. Carolina Nascimento Paschoal Badaró
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais
carolinanpbadaro@gmail.com

Renata Alves Pires Correio
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais
renatarevisorabh@gmail.com

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo analisar como a temática da migração tem sido abordada nas obras de literatura infantil da Editora Pulo do Gato. Tal investigação se justifica a partir de um levantamento de dados inicial que nos demonstrou uma grande produção sobre migração pela Pulo do Gato na última década, constituindo um acervo de oito obras. Para isso, adotou-se o aporte teórico de Hunt (2010) acerca do conceito de literatura infantil. Por questão de recorte metodológico, contextualizou-se a temática de migração na Editora Pulo do Gato e, posteriormente, analisou-se a primeira e a última obra publicada nessa temática: *Eloísa e os Bichos* (2011), de Jairo Bultrago e *Dois meninos de Kakuma* (2018), de Marie Ange Bordas. Assim, o objetivo foi identificar os conceitos simbólicos de migração, de leitor e de literatura infantil subjacentes a essas obras. Nessas análises, buscou-se explicitar recursos de narrativa que permitam revelar em que medida o tema *migração* é implicado no processo de produção de textos e sentidos representativos do *corpus*. Uma análise preliminar de dados permite observar, no processo de estruturação desses textos, tanto a tentativa de inclusão dos migrantes por parte dos autores quanto o desejo dos personagens de se sentirem incluídos na sociedade para a qual migraram.

Palavras-chave: Migração; Literatura Infantil; Análise de narrativa; Editora Pulo do Gato.

Abstract: This study aims to analyze how the theme of migration has been approached in the children's literature books by Pulo do Gato Publishing House. This investigation is justified from an initial data collection that showed us a great production about migration by Pulo do Gato in the last decade, constituting a collection of eight books. For this, we use the theoretical support of Hunt (2010) about the concept of children's literature. The theme of migration was contextualized in Pulo do Gato Publishing House and, later, the first and last book published on this theme was analyzed: *Eloísa and the animals* (2011) by Jairo Bultrago and *Two Boys by Kakuma* (2018) by Marie Ange Bordas. Thus, the objective was to identify the symbolic concepts of migration, reader and children's literature underlying the books. In these analyzes, we sought to explain narrative resources that allow revealing how the theme migration is implicated in the process of producing texts and representative meanings



of the corpus. A preliminary data analysis allows us to observe, in the process of structuring these texts, both the authors' attempt to include migrants and the characters' desire to feel included in the society to which they migrated.

Keywords: Migration; Children's literature; Narrative Analysis; Pulo do Gato Publishing House.

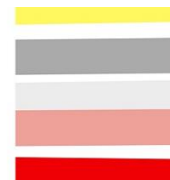
1 Introdução

Literatura, literatura infantil e migração, em que lugar elas se encontram? Inquietadas por essa curiosidade decidimos pensar sobre isso de forma mais aprofundada. Em sua trajetória teórica, a literatura foi questionada e/ou se questionou em diversos momentos acerca de sua função ou razão de existência. Materializando um desses momentos, temos a obra *Literatura para quê?*, de Antoine Compagnon (2009), fruto de uma conferência realizada no ano de 2006, na qual o autor dá espaço a inúmeras inquietações e questões a respeito da literatura e do uso que fazemos dela – se é que se pode falar em “uso”.

Compagnon (2009), ao elucidar sobre a literatura tradicional, faz os seguintes questionamentos, em certa medida, retóricos: “[...] Quais valores a literatura pode criar e transmitir ao mundo atual? Que lugar deve ser o seu no espaço público? Ela é útil para a vida? Por que defender sua presença na escola?” (p. 23). Não propomos aqui responder a essas questões, mas reconhecemos que elas contribuem para as nossas reflexões. Aos teóricos ou leitores que também convivem com tais questionamentos, seria válido pensar, então, que valores a literatura infantil que trata da temática da migração pode criar e/ou transmitir ao mundo atual e em que medida ou de que forma ela pode ser útil para a nossa vida. Eis duas boas questões para perseguirmos.

Nessa visão, o presente trabalho tem por objetivo analisar criticamente como a temática da migração tem sido construída e representada nas obras de literatura infantil da Editora Pulo do Gato¹. Objetivando a construção de uma análise clara, consistente e discursiva, selecionamos duas das oito obras cuja temática é a migração, sendo elas *Eloísa e os bichos*, de 2011 – primeiro livro publicado dentro do assunto pela editora –, e *Dois meninos de Kakuma*, de 2018 – último lançamento no tema. Buscaremos identificar suas semelhanças e diferenças discursivas e gráficas e o significado construído em relação ao seu público destinatário,

¹ Criada em 2011, a Editora Pulo do Gato situa-se em São Paulo, SP, Brasil.



acreditando que discursivamente as obras carregam marcas de uma visão e de uma representação simbólica de literatura infantil, leitor e migração.

Tal investigação se justifica a partir de um levantamento de dados inicial que nos demonstrou uma grande produção de obras nessa temática pela Pulo do Gato na última década, compondo seu acervo, até o presente ano, de oito obras. Considerando que, de modo geral, as editoras têm à sua disposição uma gama de temas para escolha, a publicação de oito obras numa mesma temática pode se configurar como um fator de análise e comentário e apontar para uma perspectiva editorial de visibilidade e fomento da questão.

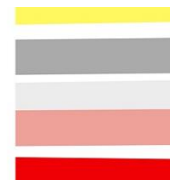
Além disso, a escolha da Pulo do Gato para delimitar o universo deste estudo se justifica também pela observação, em nossa pesquisa inicial, de que a editora disponibiliza outros espaços institucionais para a temática da migração. Em seu site, por exemplo, logo que acessamos a página principal, encontramos uma chamada em destaque para a obra *Dois meninos de Kakuma*, um dos lançamentos do ano de 2018. Já na coluna lateral da direita, visualizamos textos e reportagens midiáticas que tratam sobre migração e que mencionam as obras da Pulo do Gato.

Contextualizaremos, na próxima seção, a migração e o fluxo migratório de maior intensidade na realidade brasileira e mundial da atualidade.

2 Fluxos de migração (forçada) na realidade brasileira

Migrar é uma ação ou ato que sempre existiu (Cf. LUSSE, 2015), desde as peregrinações descritas na Bíblia ou mesmo antes delas. Historicamente, povos, nações, cidades e comunidades foram formadas por sujeitos migrantes, como a colônia japonesa no estado de São Paulo, iniciada com a imigração japonesa em 1908 e motivada, de um lado, pela política de emigração do governo japonês, instituída com o intuito de controlar o problema de alto índice demográfico vivido pelo Japão naquele período, e de outro lado, pela necessidade brasileira de mão-de-obra para trabalhar nas fazendas de café.

Ainda assim, é possível que, por alguns instantes, quando, por exemplo, nos esquecemos de nossas identidades híbridas, pensemos que a migração é um fenômeno novo ou raro e que só existe na forma com que temos maior contato ou vivência, como aquelas cuja finalidade é o intercâmbio acadêmico e cultural. Mas não, essas são apenas algumas das formas de migração.



Do ponto de vista político e humanitário, num trabalho de sensibilização para as realidades migratórias, as crises mundiais e as ações discriminatórias (de cor, de raça, de etnia, de religião), a ACNUR, agência da ONU para refugiados, chama a atenção para a importância de compreendermos as diferenças entre os tipos de migração, suas motivações e, portanto, os termos utilizados para designar os diferentes sujeitos deslocados de sua comunidade de origem.

Em uma consulta ao Glossário sobre migração (OIM, 2009), encontramos diversos termos que qualificam e identificam as situações de migração e as condições legais daqueles que migram. Para o momento, conheçamos a distinção entre migração, migração forçada e migração de retorno, que, de forma macro, representam os três tipos de migração com que temos um contato “mais visível” em nosso dia a dia e/ou do qual participamos como migrantes:

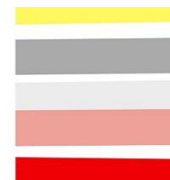
Migração: Processo de atravessamento de uma fronteira internacional ou de um Estado. É um movimento populacional que compreende qualquer deslocação de pessoas, independentemente da extensão, da composição ou das causas [...]

Migração forçada: Termo geral usado para caracterizar o movimento migratório em que existe um elemento de coação, nomeadamente ameaças à vida ou à sobrevivência, quer tenham origem em causas naturais, quer em causas provocadas pelo homem (por ex., movimentos de refugiados e pessoas internamente deslocadas, bem como pessoas deslocadas devido a desastres naturais ou ambientais, químicos ou nucleares, fome ou projectos de desenvolvimento).

Migração de retorno: Deslocação de pessoas que regressam ao seu país de origem ou de residência habitual, geralmente, depois de passarem pelo menos um ano noutro país. Este retorno pode ou não ser voluntário [...] (OIM, 2009, p. 40-41).

Além destes, temos outros termos que caracterizam um desses três tipos de migração, como “migrante de curta duração” e “migrante de longa duração”, ou que definem outros fluxos migratórios, como o de “migração espontânea”, advinda da falta de auxílio por parte do Estado.

Ainda no objetivo de discernir entre tais realidades, a ACNUR aponta como relevante a distinção legal entre imigrantes e refugiados, uma vez que “os dois termos têm significados diferentes e confundir os mesmos acarreta problemas para ambas as populações” (ACNUR, 2015, p. 1). Assim, os migrantes, no geral, são aquelas pessoas que “escolheram se deslocar não por causa de uma ameaça direta de perseguição ou morte, mas principalmente para melhorar sua vida em busca de trabalho ou educação, por reunião familiar ou por outras razões” (ACNUR, 2015, n. p.), como intercâmbios e viagens a turismo, férias e expedições culturais.



Já o refugiado “é uma pessoa que está fora do seu país porque foi (ou estava em risco de ser) vítima de graves violações de direitos humanos em razão da sua raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opinião política” (ACNUR, 2015, n. p.).

Na última década, no mundo e também no Brasil, vem ocorrendo uma nova onda de migração, que tem perdurado até o presente momento sem demonstração de queda iminente, que é a migração forçada. Fatores como o desastre natural do Haiti em 2010 e a dificuldade de reestruturação do país; os conflitos armados na Síria, que já completam mais de sete anos; e, mais recentemente, a crise política e econômica da Venezuela, têm promovido o grande fluxo migratório de refugiados e imigrantes humanitários a países vizinhos ou ocidentais.

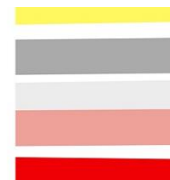
Dados do Relatório Mundial de Migração (RMM), elaborado pela Organização Internacional para as Migrações (OIM), em 2018, revelou que, entre 2010 e 2015, a população de migrantes que vive no Brasil cresceu 20%, totalizando 713 mil estrangeiros residindo no país. Levantamentos realizados por alguns estados e secretarias também nos ajudam a visualizar a dimensão desse novo fluxo migratório, como os da Secretaria Estadual de Educação de São Paulo, que divulgou ter efetivado, em 2019, o total de 11.905 matrículas de alunos estrangeiros, representando um aumento de 18% em relação ao ano anterior (PAULO, 2019). As nacionalidades desses alunos são diversas como haitiana, paraguaia, angolana, japonesa, dentre outras.

A cidade de Belo Horizonte, por sua vez, possuía, em 2019, apenas em sua rede de ensino municipal, 425 alunos estrangeiros matriculados, sendo estes de nacionalidades diversas como venezuelana, haitiana, síria, entre outras, de acordo com informações da SMED/PBH². Esse mesmo indicativo pode ser traçado para cada estado brasileiro.

Em todos os casos, o ato de migrar pode ser considerado como uma situação ou condição que afeta a identidade do sujeito que migra, alterando e ampliando a sua experiência linguística e cultural, além de sua situação social e política, diante das novas condições legais no território de destino.

Bauman (2005, p.19), ao tecer suas críticas e apontamentos acerca da identidade, afirma que ao sujeito migrante (ou refugiado) “[...] sempre há alguma coisa a explicar, desculpar, esconder ou, pelo contrário, corajosamente ostentar, negociar, oferecer e barganhar” e nos aponta que “as ‘identidades’ flutuam no ar, algumas de nossa própria

² Informação apurada por e-mail pelos autores com a Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte.



escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta, e é preciso estar em alerta constante para defender a primeira em relação às últimas”.

Com base nos apontamentos do autor, podemos elucidar que a identidade do sujeito migrante está em constante refutação, crítica ou avaliação, tanto dele mesmo quanto de terceiros. Essas são, pois, questões práticas inerentes ao contexto de migração e que estão postas diante de nós.

Até aqui levantamos conceitos e aspectos que nos proporcionam uma contextualização sobre a migração. Agora, vejamos, de que modo a migração pode se relacionar à literatura.

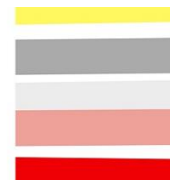
3 Migração e literatura

Sabendo que a migração é um fenômeno humano, que migrar é um ato ou ação que sempre existiu e constitui a história de formação do mundo em que vivemos e, junto a isso, considerando que hoje temos lidado com novas formas de migrar, as quais nem sempre se justificam por razões ou motivações próprias do sujeito – mas, muitas vezes, pela ausência de recursos e de opções advindas de conflitos e guerras controlados por entidades e poderes indiscutivelmente mais fortes do que a população a ele subjugada –, como olhar para essas realidades e como nos portar diante delas?

Lussi chama a atenção para o perigo do tratamento indiscriminado ou descuidado da migração, tanto pelo Estado quanto pela sociedade civil, uma vez que ele pode gerar desigualdades e vulnerabilidades, as quais podem fomentar, por exemplo, uma política de criminalização do sujeito migrante. Em suas palavras:

As desigualdades que discriminam e excluem têm relação com a vulnerabilidade que expõe os sujeitos à exclusão. Ser migrante ou refugiado, por si só, não significa ser vulnerável, mas a migração pode representar uma condição que favorece e até leva a pessoa a passar por situações de vulnerabilidade, como as que são favorecidas pela exaltação da especificidade migratória, assim como acontece também onde se verifica a negação das diversidades que os sujeitos que migram levam consigo. Políticas públicas para migrantes podem fortalecer as desigualdades, enquanto a inclusão da população migrante e refugiada nas políticas públicas pensadas em uma perspectiva integral e transversal favorece a integração e a prevenção de violações de direitos (LUSSI, 2015, p.136).

Pesquisas e relatórios especializados em migração, como os da ACNUR, da IOM e da OMS (Organização Mundial da Saúde), nos orientam a olhar as situações de migração a partir da valorização do sujeito migrante, uma vez que, independentemente dos motivos pelos quais



ele migrou, o que realmente importa é a preservação da vida, a proteção dos direitos humanos e da saúde mental e o esforço cooperativo para a superação desse momento difícil e traumático. Lussi também reforça essa orientação:

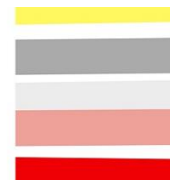
O foco no elemento humano em se tratando de migrações e refúgio é âncora primordial para garantir que a temática migratória seja tratada na perspectiva dos direitos humanos e não simplesmente na ótica da segurança nacional nem do protecionismo do mercado de trabalho, supostamente reservado preferencialmente aos autóctones, entre outras abordagens prejudiciais aos sujeitos que migram, não menos que à qualidade humana e intercultural das sociedades que os recebem (LUSSI, 2015, p.138).

Todavia, alcançar tais princípios e possuir esse olhar de acolhimento e inclusão do migrante pode requerer a existência de políticas públicas de sensibilização social, tanto da comunidade de destino – aquela que acolhe os sujeitos migrantes – quanto da comunidade migrante, que também precisa reconhecer o seu direito ao acolhimento e à integração social. Nesse sentido, podemos refletir a partir de duas perspectivas: (a) a de sensibilização de não migrantes para a realidade da migração e para a necessidade de toda a sociedade se comprometer com o acolhimento por meio da atenção aos princípios e direitos humanos básicos dos migrantes; e (b) a de sensibilização do migrante para o reconhecimento do seu direito à acolhida, à proteção e ao lugar de fala.

Diante dessas duas perspectivas surge outra questão: como fomentar essas duas sensibilizações? Com quais recursos ou meios? Não temos respostas prontas, pois essas e muitas outras questões sobre migração estão sendo levantadas e discutidas por vários grupos pelo mundo. Como Lussi nos adverte, “respostas de políticas públicas aos desafios das migrações e do refúgio devem ser: interdisciplinares, integradas, contextualizadas, capazes de reconhecer e assumir a complexidade que o tema requer, sem simplismos” (2015, p.142).

Conscientes dessa complexidade, prossigamos com o nosso recorte epistemológico. Retomando as nossas questões de pesquisa localizadas na relação entre a temática da migração e a literatura, tomemos a literatura como um desses meios ou recursos de promoção de políticas de inclusão e de sensibilização acerca da temática da migração.

Para Compagnon (2009), “exercício de reflexão e experiência de escrita, a literatura responde a um projeto de conhecimento do homem e do mundo” (p. 31), o que nos permite inferir que a escrita possibilita a exploração das questões da migração que perpassam o homem e o mundo. Não à toa, ao longo dos séculos a literatura gerou várias obras sobre a



experiência humana, as inquietações e os traumas de sobreviventes das guerras. Provavelmente, o que se vivencia em uma guerra não se vivencia do mesmo modo fora dela.

Ainda nas palavras do autor, em contraponto à literatura conservadora,

a filosofia moral contemporânea restabeleceu a legitimidade da emoção e da empatia ao princípio da leitura: o texto literário me fala de mim e dos outros; provoca minha compaixão; quando leio eu me identifico com os outros e sou afetado por seu destino; suas felicidades e seus sofrimentos são momentaneamente os meus (COMPAGNON, 2009, p. 61-62).

Quer dizer, por meio do texto literário pode-se imprimir a narrativa do sujeito que migrou e que sentiu as alegrias e as angústias do migrar, mas também por meio do texto literário aquele que não migrou pode se identificar com o outro e construir em si uma visão empática acerca da sua história.

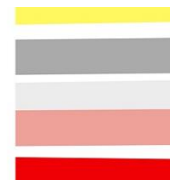
Em um trabalho sensível realizado num contexto real de atendimento ao migrante, Godoy (2017) descreve uma situação de encontro com um estrangeiro:

Quando um sujeito narra sua história, encontra-se, desde logo, imbricado em uma trama que lhe excede. Não é possível separar totalmente esse “eu” que faz um relato de si das condições sociais do seu surgimento. Falar sobre si é, simultaneamente, refletir e teorizar sobre o outro, a quem se dirige o relato.

No encontro entre um solicitante de refúgio e o entrevistador do Comitê Nacional para Refugiados (CONARE), o estrangeiro faz um relato de si perante uma autoridade investida de um poder delegado por um sistema de justiça. O temor de perseguição que marca o refugiado faz com que ele procure reconstruir suas ações e os fatos que o empurraram para o exílio. (GODOY, 2017, p. 74).

Esse relato é marcado pelo distanciamento entre o solicitante de refúgio e o funcionário cuja função é lhe interrogar, questionar e avaliar. Esse momento é comum a todos os solicitantes de refúgio e é constituído de papéis que representam poderes e lados bem delineados e inerentes ao ato de avaliar a condição do solicitante. Contudo, não deixa de tocar as nossas emoções. Ao ler essa narrativa, imaginamos a cena e compartilhamos, de alguma forma, do momento pelo qual ambos os personagens passaram, tanto o migrante quanto o funcionário em exercício.

Talvez esta seja a contribuição da literatura para a sensibilização social acerca da migração, narrar histórias de migração e nos permitir refletir sobre esse fenômeno mundial. Como dito por Compagnon (2009), “a literatura desconcerta, incomoda, desorienta, desnorteia mais que os discursos filosófico, sociológico ou psicológico porque ela faz apelo às emoções e à empatia. Assim, ela percorre regiões da experiência que os outros discursos negligenciam, mas que a ficção reconhece em seus detalhes”. (p. 64).



4 Literatura Infantil: breve levantamento de conceitos

Este trabalho de pesquisa pretende compreender como a literatura infantil, destacando os livros “*Eloísa e os bichos*” (2011) e “*Dois meninos de Kakuma*” (2018), ambos publicados pela Editora Pulo do Gato, tratam o tema da migração. Para isso, apresentamos nesta seção uma resenha, a partir de Hunt (2010), que explicita diferentes conceitos de literatura infantil em uma interface com a definição de criança.

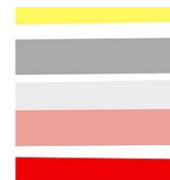
Aspectos da definição

A definição de um conceito é determinada pelo propósito situacional em que ele se encontra. Por isso não há uma definição única para “literatura infantil”. Embora exista essa pluralidade de significados, a palavra “literatura” remete a um conceito cristalizado de valores absolutos que são estabelecidos ao longo do tempo por determinado sistema cultural.

Entretanto, se formos pensar na definição desse conceito, devemos levar em consideração que o que existe são maneiras de definir. É inegável que haja características que tornam óbvia a “leitura de para criança”, mas os aspectos textuais não são confiáveis. Além disso, existe uma tensão quanto à possibilidade de se abordar a literatura infantil da mesma maneira que a literatura adulta.

A literatura permanece sob “a norma acadêmica” que distribui juízos de valor. Isabelle Jan, citada por Hunt (2010), infere que os críticos estão sempre prontos a avaliar e a julgar as obras, por padrões acadêmicos, como boas ou ruins. Assim, desconsideram as obras por si mesmas.

Foi no século XIX que a crítica se ocupou da literatura infantil. Nicholas Tucker, também citado por Hunt (2010), aponta que há diferenças intrínsecas entre os clássicos destinados às crianças e os voltados para adultos, e que essas obras jamais poderiam ser consideradas do mesmo nível. Sua análise é contrastada com a de Marcus Crouch (apud HUNT, 2010), que afirma que a única diferença entre essas duas categorias de obras está no modo de abordagem.



Já Jill Paton Walsh (apud HUNT, 2010) diz que a linguagem do livro infantil é simples e transparente, independente do conteúdo a ser transmitido; e destaca uma importante característica do livro infantil: a de valorizar um procedimento indireto e evidenciar a força estética. Isso nos leva ao argumento de que ler literatura infantil é, para o adulto, um processo mais complexo do que ler um livro de adulto.

Modos de ler

Os textos para crianças são criados por adultos em um ambiente complexo. Pode-se pensar, assim, que ao ler a literatura destinada a crianças, comumente classificada como de subcultura, o leitor está lendo uma tradução.

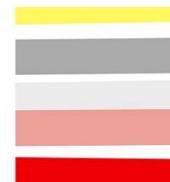
É oportuno destacar que existem três tipos de situações de leitura: a do adulto que lê livros destinados a adultos; a do adulto que lê um livro destinado a crianças; e a da criança que lê uma obra voltada para crianças. A primeira e a última são as situações que mais se aproximam entre si, uma vez que compartilham de um fator básico de leitura. À luz do que afirma Patrícia Wright (apud HUNT, 2010), podemos compreender a leitura por processos de percepção e atenção que podem resultar da experiência de vida ou do propósito da leitura.

Portanto, as nossas referências e intenções são decisivas – um texto deve implicar um leitor. Ou seja, o tema, a linguagem, os níveis de alusão, entre outros aspectos, possibilitam claramente um determinado nível de leitura.

Assim, o adulto, quando lê textos para crianças, em geral o faz com o intuito de recomendá-lo ou não, sobretudo relacionando a obra a valores culturais. Mas, afinal, o leitor adulto lê como a criança que foi ou como a criança que pensa que foi? Recorre a sua memória ou autoimagem? Até que ponto os adultos conseguem esquecer sua experiência adulta?

Definição de literatura

O conceito de literatura definido pelo sistema cultural dominante e aceito de modo subconsciente aponta a literatura como algo a ser visto pelo que é, independente da concordância ou discordância sobre ele. Assim, a crítica literária tem relutado para definir esse conceito.



A teoria da crítica literária equivale ao pensamento de Henry James, citado por Hunt (2010), sobre o assunto. Acredita-se que a literatura pode ser acessível apenas àqueles dotados de “intuição treinada”, mas esse modelo torna-se ainda mais inaceitável quando tratamos do público-alvo da literatura infantil.

Definir o que é literatura, até pouco tempo, não parecia uma discussão digna para os mais íntimos dela. Para Jeremy Tambling (apud HUNT, 2010), a categoria “literatura” não carrega um significado essencial, ou seja, não existe nenhum corpo de escrita que “deva” ser estudado como tal. Mas é importante para a interpretação de textos infantis considerar a cultura paralela da infância. Tradicionalmente, o termo é pensado, quando comparamos ideias, como um texto de caráter mais denso, mais carregado. Considera-se que seja, portanto, o melhor que uma cultura pode oferecer e desfrutar.

Embora identificar o que é e o que não é literatura não seja uma ação clara para os leitores, as definições de literatura podem ser separadas em normas culturais ou segundo os usos que os indivíduos dão ao texto. O que determina a classificação de um texto em literário ou não depende do contexto cultural; é uma questão de status e poder social.

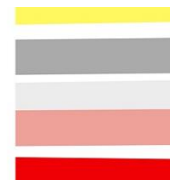
Sobre essa discussão, alguns pontos mais incisivos, apresentados na Teoria da Literatura de Terry Eagleton e destacados por Hunt (2010), são:

Os teóricos, críticos e professores de literatura são, portanto, menos fornecedores de doutrina do que guardiões de um discurso. [...] Certos escritos são selecionados como mais redutíveis a esse discurso do que outros; a ele dá-se o nome de literatura ou “cânone literário”. [...] Alguns dos mais entusiastas defensores do cânone demonstraram, de tempos em tempos, como o discurso pode operar na escrita “não-literária”. De fato, este é o problema da crítica literária: definir para si um objeto específico, a literatura, embora exista como uma série de técnicas discursivas que não têm razão de ficar aquém desse objeto. (EAGLETON apud HUNT, 2010, p. 88).

Nesse sentido, não há razão para os livros infantis ficarem de fora desse cânone respeitável ou não serem estudados da mesma forma. Ainda, não há motivos para que não seja criado um novo discurso que valorize ambas: a literatura infantil e a literatura para adultos.

Definição de “criança”

Existe um sistema cultural de valores no qual a literatura e outras especificações estão inseridas que determina o modo como a sociedade trata os mais variados conceitos, sobretudo,



o de criança e o de infância. Assim, a expressão literatura infantil parece estar definida em função de seu público-alvo.

As crianças, de modo geral, são diferenciadas dos adultos, principalmente, pelas brincadeiras espontâneas, a receptividade à cultura vigente, os constrangimentos fisiológicos e a imaturidade sexual. Além disso, elas se adaptam mais facilmente que a pessoa madura, por não apresentarem esquemas de mundo tão fixados quanto os adultos.

Embora os adultos apresentem mais conhecimento sobre a linguagem e as estruturas dos livros e tenham mais distinção entre o que é real e o que não é, as crianças são capazes de atribuir características humanas a objetos inanimados de um modo bem menos controlado que os adultos.

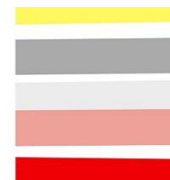
O conceito de infância não é um conceito estável, ele muda até mesmo dentro de uma cultura pequena, aparentemente homogênea, tal como muda o entendimento das infâncias do passado. Por isso, a literatura definida por ela também (não) é estável. A cultura do livro deve ser cautelosa ao tratar tal conceito, uma vez que em diversos sentidos ela o cria ou o destrói.

Definição de “literatura infantil”

Afinal, como definimos a literatura infantil? De acordo com Paulo Heins, citado por Hunt (2010), os livros para criança deveriam ser estudados considerando dois pontos de vista distintos: o da crítica dos livros por aqueles que utilizam e trabalham com eles; e o da crítica literária da literatura infantil.

Acrescenta ainda que existem livros “vivos” e livros “mortos”, livros que não mais dizem respeito a seu público principal, e que só interessam a historiadores. Contraditoriamente, embora alguns livros se adentrem rumo à infância, outros se direcionam para a idade adulta. Portanto, a definição do livro para criança é imediata e dessa forma, efêmera.

Hunt (2010) acredita que a definição de literatura infantil emerge daquilo que buscamos nela, ou seja, do seu propósito. Nomeá-la pode ser uma estratégia de demarcação, mas na medida em que o objeto necessita de uma demarcação, o mesmo passa a ser manejável. No entanto, na variabilidade de infâncias, o livro pode ser definido em termos do leitor implícito. É a leitura cautelosa que evidenciará a quem o livro se destina.



5 Análise das obras

A editora Pulo do Gato tem dedicado um espaço significativo de seu catálogo a obras que abordam o tema das migrações e do refúgio. Desde 2011, a editora já publicou oito livros relacionados ao assunto, direcionados ao público infanto-juvenil.

Neste artigo foram analisados os títulos *Eloísa e os bichos*, o primeiro da seleção ora identificada, e, como contraponto, *Dois meninos de Kakuma*, o mais recente, de 2018. Ambos levantam questões tocantes a refúgio, deslocamentos e identidade pelo olhar das crianças, conduzindo o leitor a refletir sobre os sentimentos e as dificuldades de viver, adaptar e se reconstruir em um novo lugar.

Assim, nesta análise, buscou-se perceber e discutir alguns valores transmitidos nas obras que tratam das migrações, tentando entender de que forma esses valores podem contribuir para uma visão mais humanista do tema.

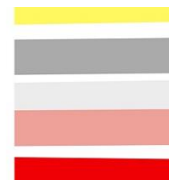
Eloísa e os bichos (Figura 1) conta a história de uma menina que se muda com o pai e precisa se adaptar à vida na nova cidade. O livro faz parte da coleção Gato Pintado, que tem como característica o predomínio da imagem sobre a escrita.

66

Figura 1 – Capa do livro *Eloísa e os bichos*



A narrativa é contada muito mais pela ilustração do que pelo texto. O estranhamento de Eloísa pelo lugar e pelas pessoas ao seu redor é metaforicamente apresentado por bichos



que habitam a cidade e que a fazem se sentir um ser (humano) diferente do restante da população.

Os bichos têm características humanas e estão presentes no dia a dia de Eloísa – eles são seus vizinhos, seus colegas de escola, sua professora, o motorista do ônibus, os cidadãos que circulam pelas ruas.

A presença dos animais no lugar dos habitantes, claramente, parece querer levar o leitor a refletir sobre as emoções de uma criança na condição de imigrante, com seus sentimentos de isolamento, solidão e não pertencimento.

Ao mesmo tempo, ajuda a reforçar e ampliar a ideia de insegurança e medo que perpassa o processo de adaptação a uma nova vida em um lugar que não é o local de origem daquela criança.

A passagem ilustrada na Figura 1 mostra claramente a impressão de Eloísa em relação à cidade. Animais “gigantes”, apresentados em proporções ampliadas, sugerem ansiedade e medo diante do estranho e desconhecido novo mundo ao qual é apresentada.

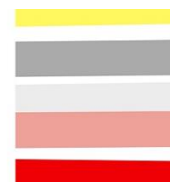
67

Figura 2 – Ilustração da obra *Eloísa e os bichos*



Na perspectiva de Compagnon (2009), a literatura teria a capacidade de falar sobre o outro e de motivar o leitor a construir uma visão a respeito desse outro. Assim, o livro *Eloísa e os bichos* sensibiliza ao abordar de maneira delicada e ao mesmo tempo enfática as questões que afetam os imigrantes de maneira geral.

Busca despertar no leitor o sentimento de compaixão e de empatia com o sofrimento da personagem, conduzindo-o ao caminho da reflexão sobre a necessidade de acolhimento e apoio aos imigrantes.



O motivo do deslocamento de Eloísa para outra cidade não fica explícito na obra, mas é possível inferir que se trata de uma migração forçada, considerando critérios de classificação do glossário do OIM (2009).

Trechos como “Enquanto papai procurava trabalho, eu ia para a escola” e “algumas vezes nos perdíamos pela cidade” permitem depreender um caráter de improvisação da mudança. Além disso, a angústia de Eloísa e até mesmo do pai, explícita nas expressões faciais do personagem, em algumas imagens, ajudam a direcionar a reflexão do leitor para uma situação de “fuga” e ao mesmo tempo de “busca”, seja por mais segurança ou por melhores condições de vida.

O livro joga luz sobre o valor da amizade e da socialização em amenizar o sofrimento das crianças imigrantes, destacando como o apoio e a aceitação do outro é importante nesse processo. Isso é evidenciado não apenas na narrativa da menina, mas nas imagens, em que os animais vão passando de uma representação de ameaça à de companhia e afeto.

Fica evidente também o significado da escola como lugar de acolhimento, crescimento e aceitação da diversidade. É no ambiente escolar que Eloísa deixa transparecer com mais intensidade seus sentimentos de inadequação e insegurança; mas é também na escola que ela vai ganhando força emocional e confiança, e é ali o lugar onde parece começar a evoluir o processo de adaptação.

Assim como os personagens de *Eloísa e os bichos*, os protagonistas da história *Dois meninos de Kakuma* (Figura 3), Geedi e Deng, são migrantes vivendo em outro local que não a terra natal – o campo de refugiados de Kakuma. Geedi, porém, chegou a Kakuma ainda na barriga da mãe, fugindo da guerra, e com 12 anos não imagina como é a vida fora do campo. Já Deng migrou sozinho, aos 8 anos de idade, pelo mesmo motivo da mãe e da irmã de Geedi, a guerra, e sonha em voltar para seu lugar de origem.

A história dos amigos inseparáveis é narrada pelos próprios protagonistas, dando eco aos desejos, anseios e necessidades dessas crianças pela voz e os pontos de vista de cada um. Escrito por Marie Ange Bordas, *Dois meninos de Kakuma* é uma ficção baseada na convivência da autora com os moradores de Kakuma.

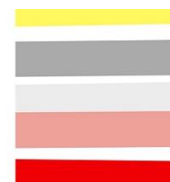
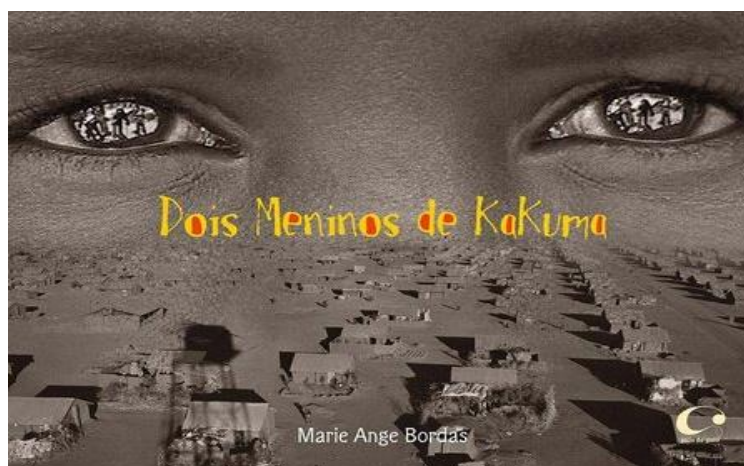


Figura 3 – Capa do livro *Dois meninos de Kakuma*



O livro fala de crianças e seus sentimentos de medo, insegurança, estranheza e solidão intrínsecos ao processo de adaptação ao refúgio. Mas toca também em direitos humanos, na condição de refugiado, na vulnerabilidade da infância, na guerra. A obra pertence à coleção Gato Xadrez, que tem como característica, na definição da própria editora,

narrativas ilustradas e novelas gráficas que solicitam do leitor uma parceria ativa na exploração de seu território literário, tanto na decifração do texto como na relação que este estabelece com as imagens. [...] implicam o leitor como protagonista de vivências que o instigam esteticamente e intelectualmente (EDITORA PULO DO GATO)

69

Figura 4 – Geed em seu momento de solidão e reflexão em Kakuma



Além da amizade, cujo valor é ainda mais forte nessa obra, há no livro também um relevante sentido de altruísmo. Em um local onde todos se encontram na mesma condição e pelo mesmo motivo, colocar-se no lugar do outro, compreender suas emoções e ajudar parecem atitudes naturais e até mesmo instintivas. Muitas passagens reforçam essa característica, como a fala de Deng a respeito de Geed: “Meu amigo nunca conheceu a vida



fora deste campo, por isso não me importo quando ele me pede dezenas de vezes para contar sobre o lugar de onde eu vim”. (BORDAS, 2018, p. 39).

No depoimento de Deng também é marcante a dimensão dos estragos indiretos provocados pela violência da guerra na vida dos imigrantes, especialmente das crianças, que tiveram suas infâncias irreversivelmente roubadas.

Assim como ele, muitas crianças chegaram a Kakuma sozinhas, perderam suas famílias e vivem por si, como únicos responsáveis pela própria sobrevivência – condição que, mais uma vez, reforça a grandeza e o apreço da amizade.

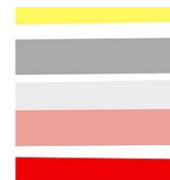
Tem-se em *Dois meninos de Kakuma*, de forma ainda mais evidente, a projeção do estudo como meio de redenção. O conhecimento, que em Eloísa subjaz a imagem da escola como local de socialização, aqui aparece como esperança de resgate. “Enquanto não posso voltar pra minha gente, eu estudo. Estudar, como correr, é um jeito de mandar na própria vida. Um jeito de tirar a cabeça do passado e colocá-la no futuro”, diz Deng em um dos trechos de seu relato, comprovando essa ideia. (BORDAS, 2018, p. 42).

Figura 5 – Crianças na escola em Kakuma



6 Considerações Finais

Diante das análises e dos comentários elaborados na seção anterior, retomaremos, aqui, as questões levantadas na introdução e buscaremos respondê-las de forma mais objetiva. Conforme explicitado, com este trabalho tivemos o objetivo de analisar criticamente como a temática da migração tem sido construída e representada nas obras de literatura infantil da



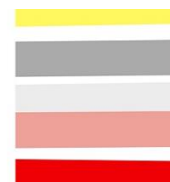
Editora Pulo do Gato. Para isso, buscamos compreender, a partir dos significados desvelados nas duas obras selecionadas, quais são as concepções de migração, de leitor e de literatura infantil da Editora.

Na leitura das obras literárias e nas análises empreendidas, notamos que as histórias de vida dos seus personagens se identificam com o conceito de migração forçada, por apresentarem aspectos como a migração motivada por uma necessidade imediata, urgente e inegociável de mudança territorial; a migração motivada pelo suprimento de uma necessidade básica (essencial ao homem) como o trabalho; e a migração motivada pela busca por sobrevivência por meio da fuga da guerra.

É certo, porém, que as duas histórias não são réplicas ou versões uma da outra. De fato, parecem tratar de realidades semelhantes, não iguais. Em *Eloísa e os bichos*, os personagens pai e filha migram em busca de trabalho, mas tanto o seu local de origem quanto o seu local de destino são cidades. Provavelmente cidades com problemas e com questões comuns a toda e qualquer sociedade. A migração aqui é representada como um ato de mudança, o qual naturalmente exige dos sujeitos que o encarnam habilidades para superar as adversidades que dele advêm – aprender uma nova língua, compreender novos costumes e modos de vida, conquistar reconhecimento identitário e profissional, se adaptar, entre outras.

Em *Dois meninos de Kakuma*, porém, os personagens migraram de uma cidade para um campo de refugiados – local caracterizado pela humanidade e pelo acolhimento daqueles que o formam, mas também pela hostilidade natural de uma terra isolada, demarcada e regida legalmente por terceiros (ACNUR/ONU e outros grupos), que não são da mesma nacionalidade, não possuem parentesco, não compartilham da cultura e não vivem ali, apenas prestam serviços.

Nesse sentido, as concepções de migração presentes nessas obras também dão luz às concepções de leitor e de literatura infantil. Apesar de sabermos que a migração é uma realidade milenar e mundial, os contextos de migração forçada têm se remodelado ao longo da última década, tanto em relação às suas origens quanto em relação aos seus destinos. Considerando que as narrativas analisadas fazem alusão (porque são obras ficcionais) a essas realidades migratórias, elas poderiam, portanto, pressupor que seus leitores ou, pelo menos, que os mediadores dessas leituras – quando orientadas e guiadas – fossem sujeitos conscientes dos conflitos políticos e humanitários ou, no mínimo, interessados nessas questões?



Obviamente que a criança leitora dessas obras não pode ser construída simbolicamente como “um pequeno adulto”. Não é isso que queremos dizer. Mas, assim como seus personagens são crianças “não ingênuas”, amadurecidas pela experiência, parece-nos que a criança leitora também possuiria características como a curiosidade, a atenção aos assuntos da sociedade a qual pertence e a empatia para com a realidade das outras crianças.

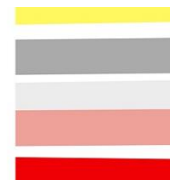
É evidente que, se essa criança leitora não viveu a migração, ela não saberá o que é isso. Mas pela leitura curiosa dessas narrativas e pelos estímulos à empatia promovidos pelo mediador da leitura (quando presente), ela poderá receber tais histórias com uma visão sensível (e ainda infantil). Poderá, inclusive, se identificar com os personagens em alguns momentos, como aqueles em que a escola nova parece um lugar muito estranho e que a conquista de amigos é uma boa solução para superar esse estranhamento e para compartilhar suas histórias, além de trazer felicidade e afeto.

Além do aspecto temático, as obras apresentadas também projetam um leitor “não ingênuo” por suas linguagens verbal e não verbal: em *Eloísa e os bichos*, como vimos, o estranhamento é representado pela metáfora dos animais, que é a população da cidade, e pela dimensão física desses animais, que à medida que se tornam menos estranhos, também se tornam menores, alcançando um tamanho (estatura física) proporcional ao de Eloísa. Em *Dois meninos de Kakuma*, a narrativa é mais longa e, apesar de haver duas histórias em um mesmo livro, elas possuem pontos de interseção.

Ainda nesse caminho, essa literatura infantil poderia ser entendida como uma literatura “infantilizada”? Da mesma forma, entendemos que não. Cabe retomarmos a discussão levantada por Hunt (2010), segundo a qual as nossas referências e intenções são decisivas e, portanto, um texto deve implicar um leitor. Ou seja, o tema, a linguagem, os níveis de alusão, etc. possibilitam claramente um determinado nível de leitura.

Uma literatura construída com personagens infantis complexos e para crianças leitoras interessadas e “espertas” também precisa ser bem construída, complexa e interessante. Por essas características, essa literatura infantil parece alinhar-se à noção de que o próprio conceito de infância não é estável (HUNT, 2010) – ele muda de uma geração para a outra e de uma cultura para a outra.

Diante disso, o conceito de literatura infantil identificado nessas obras se aproxima, mais uma vez, da problematização feita por Hunt (2010), ao dizer que a definição do livro para criança é imediata e, por isso, efêmera. Tal classificação, representada nos catálogos



editoriais por idades ou habilidades, propiciam enquadramentos às obras, mas não as definem de fato. Frente a essa complexidade, talvez seja prudente considerarmos que, conforme Hunt (2010) propôs, é a leitura cautelosa que evidenciará a quem o livro se destina, que favoreça ou seja alvo direto dela.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BORDAS, Marie Ange. *Dois meninos de Kakuma*. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2018.

BULTRAGO, Jairo. *Eloísa e os bichos*. Tradução de Márcia Leite. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2011.

COMPAGNON, Antoine. *Literatura para quê?* Trad. Laura Taddei Bandini. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

GODOY, Gabriel Gualano de. Encontrar-se com o estrangeiro. In: *Cadernos de Debates Refúgio, Migrações e Cidadania*. v.12, n.12, Brasília: Instituto Migrações e Direitos Humanos, 2017, p.101-116.

HUNT, Peter. *Crítica, Teoria e Literatura Infantil*. Tradução de Cid Knipel. São Paulo: Cosacnaify, 2010. p. 75-101.

International Organization for Migration. *World Migration Report 2013: migrant well-being and development*. Disponível em: <<https://publications.iom.int/books/world-migration-report-2013>> Acesso em 14 jul. 2019.

LUSI, Carmem. Políticas públicas e desigualdades na migração e refúgio. *Revista Psicologia USP*, v. 26, n. 2, 2015, p.136-144.

OIM. Organização Internacional para as Migrações. *Glossário sobre Migração*. Genebra: Editora Organização Internacional para as Migrações, 2009, 92p.

PAULO, Paula Paiva. Número de imigrantes cresce 18% na rede estadual de escolas de SP. *G1*, São Paulo, 4 abr. 2019. Disponível em: < <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2019/04/02/no-de-imigrantes-cresce-18percent-na-rede-estadual-de-escolas-de-sp.ghhtml>>. Acesso em: 10. jun. 2019.

Recebido em: 15 de setembro de 2019.

Aprovado em: 12 de dezembro de 2019.